

## **Mercosul tenta evitar protecionismo**

*Denise Crispim Marin*

Autoridades dos quatro países do Mercosul e dos seus associados – Chile, Colômbia, Bolívia, Equador, Peru e Venezuela – tentarão selar um acordo para evitar que as respostas unilaterais à crise financeira internacional gerem uma escalada protecionista na região.

O compromisso será discutido em uma reunião em Brasília de chanceleres, ministros da Fazenda e presidentes de bancos centrais desses dez países amanhã, 11 dias depois de o governo de Cristina Kirchner ter reeditado a clássica reação argentina a situações de crise econômica: a adoção de barreiras contra uma suposta "avalanche" futura de produtos importados no mercado local.

A precaução contra uma onda de proteção interessa especialmente ao Brasil, que acumula, entre janeiro e setembro deste ano, superávit de US\$ 10,8 bilhões no comércio com esses vizinhos. "Temos de discutir como evitar que o patrimônio da integração não se perca, às vezes por uma reação a problemas que vêm de outros lugares", disse o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim. "A nossa expectativa é fazer com que, no futuro, haja uma ação coordenada, transparente e que não prejudique as relações entre os países da América do Sul."

Esse primeiro encontro sul-americano desde que a crise financeira se acirrou não deve gerar medidas conjuntas específicas. Amorim advertiu que nem mesmo a cúpula do G-20, convocada pela Casa Branca para novembro, deverá gerar uma resolução comum. Mas a iniciativa de expor receitas individuais e de trocar idéias, para o chanceler, pode evitar a repetição de uma das soluções nacionais mais desastradas da Crise de 1929 – a escalada protecionista.

Secretário de Comércio Exterior da Argentina entre 1998-1999, o consultor Félix Peña concorda que uma guinada protecionista dos países do Mercosul e de seus associados tenderia a agravar a situação econômica da região. Mas adverte que o bloco e seus associados devem manter-se atentos ao possível desvio para o mercado sul-americano de exportações da Ásia – sobretudo, da China – antes endereçadas para os Estados Unidos e a Europa. Daí a relevância, em seu ponto de vista, do encontro extraordinário do CMC.

A reunião extraordinária do Conselho do Mercado Comum (CMC), instância máxima de decisão do Mercosul, foi solicitada no último 9 de outubro pelo governo argentino ao Brasil o país que preside o Mercosul neste semestre.

**Fonte: Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 27 out. 2008, Primeiro Caderno, p. A-4.**